

EXPOSIÇÃO

Modernidade e história unem criações

Ligados pela cidade e a estética, artistas fazem na Performance a mostra que comenta o contemporâneo e a brasilidade

MÁRCIA ÁLVARO

Participar da identidade da cidade enquanto monumento é o fio condutor da mostra "Brasília, 30 Anos" que, a partir de hoje, na Galeria Performance, reúne obras de Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Bruno Giorgi, João Câmara, Marianne Peretti, e serigrafias de Oscar Niemeyer, estas expostas pela primeira vez em Brasília. Além da ligação histórica, um outro aspecto assegura a harmonia do conjunto, tão diverso em estilos — as formas clássicas concebidas dentro de um conceito de modernidade, assumido pela maioria de seus participantes.

A exposição tem um caráter quase museológico, se assim podemos rotular a iniciativa de uma galeria comercial, com a preocupação inclusive de mapear as obras desses artistas que estão em espaço público da cidade. Para o curador da mostra, Marcus Lontra, essa é uma tendência comum no Brasil. "Os museus raramente cumprem seu papel apontando caminhos e as galerias acabam sempre ficando à frente, na vanguarda".

"Brasília, 30 Anos" tem também o objetivo de marcar uma nova fase de trabalho da Performance que, tendo aberto novos e amplos espaços de exposição, se propõe a exibir e vender arte contemporânea, mercado ainda mais atraente para a galeria, após o fim das atividades da Espaço Capital, até então a única especializada em artistas contemporâneos. Na abertura da mostra deverão estar presentes João Câmara, Athos Bulcão e a marchand Ana Maria Niemeyer, filha do arquiteto.

Os trabalhos expostos, de um modo geral, são fortes referenciais de brasilidade, com suas misturas, exuberância (cromática e de formas) e sensualidade. Um óleo e cinco telas em tinta acrílica (pintadas especialmente para a mostra) de grandes dimensões compõem o conjunto dos trabalhos do pernambucano João Câmara, com sete litografias feitas a partir dos estudos para os painéis do Panteão (Pregação de Tiradentes, Sacrifício da Indústria Nacional, Conjura, Farsa, O Corpo, Força, Morte de Cláudio Manoel da Costa). O preço das telas gira em torno de 15 mil dólares, enquanto as gravuras devem sair por 33 mil cruzeiros.

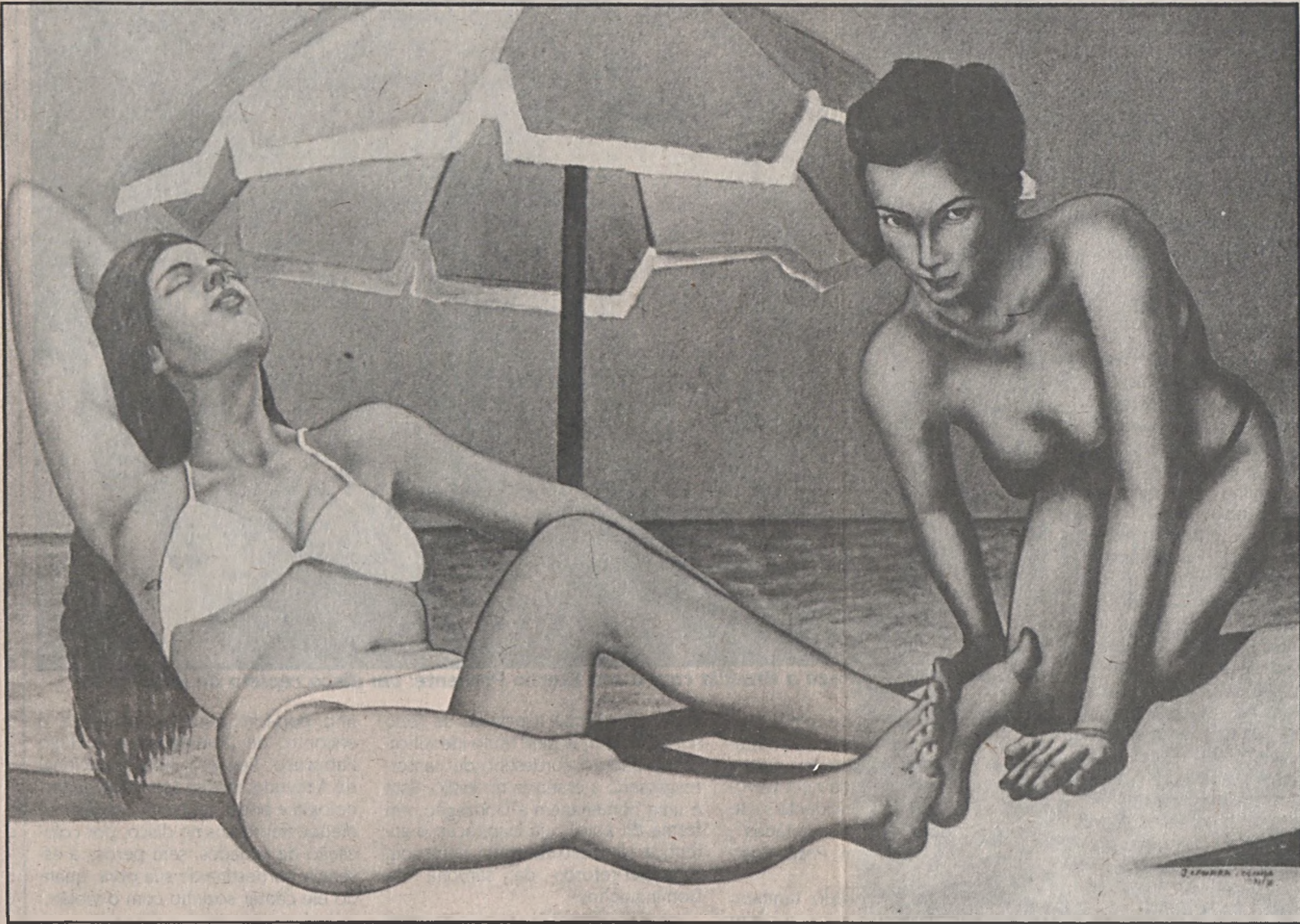
As peças do escultor Ceschiatti, (único que não está vivo) são representativas de várias fases do autor. As linhas clássicas barrocas de "Sant'Anna" contrastam com as formas puras e voluptuosas da "Banhista" e com o modernismo do "Peixe". A escultura mais impressionante é, sem dúvida, o "Contorcionista", na tensão que cria em suas formas delgadas. Os preços variam de 6 a 15 mil dólares, valorizados pelo uso do bronze.

Em bronze são também as peças de Bruno Giorgi. "O Flautista" e "Mulher Sentada" são as mais expressivas, além da "Mulher ao Luar". De menores dimensões (entre 40 e 80cm) variam de 3,5 a 8 mil dólares. Alguns desenhos foram também incluídos.

A obra mais curiosa da exposição não está à venda e pertence à coleção particular do curador. Trata-se de uma pintura — a única — de Oscar Niemeyer, intitulada "Brasília Destruída". Colunas do Palácio da Alvorada tombam sobre fundo negro-esverdeado, quase de trevas, com interferência de desenhos abstratos.

A pintura foi feita pouco depois da inauguração da Capital, a partir de um comentário do escritor francês André Malraux (A Condição Humana) segundo o qual Brasília daria ótimas ruínas. Os outros trabalhos de Niemeyer são gravuras sobre doze temáticas que incluem mulheres e a própria cidade (serão vendidas duas gravuras de cada temática). São traços característicos do arquiteto, com alguma intervenção de cor, feita em letrafilme.

Marianne Peretti é a nota destoante. Bem resolvida no seu trabalho abstrato — o vitral da Catedral é um bom exemplo —, a artista se perde ao permitir a interferência figurativa. O painel "Floral" é um agradável movimento de formas em vermelho intenso (ferro pintado), mas "O Pássaro", escultura de 1,99m no mesmo material, é uma espécie de totem (águia branca) fora de propósito. Ainda mais difícil é "A Borboleta" — um vitral que reproduz o inseto em formas arredondadas e infantis, com anteninhas inclusive, pousada em uma armação que pode ser confundida com uma grade de jardim.



Quadro de João Câmara na exposição Brasília 30 Anos, que vai de hoje até 25 de maio na galeria Performance



O Contorcionista de Alfredo Ceschiatti



Máscaras de Athos Bulcão: perfis inimaginários

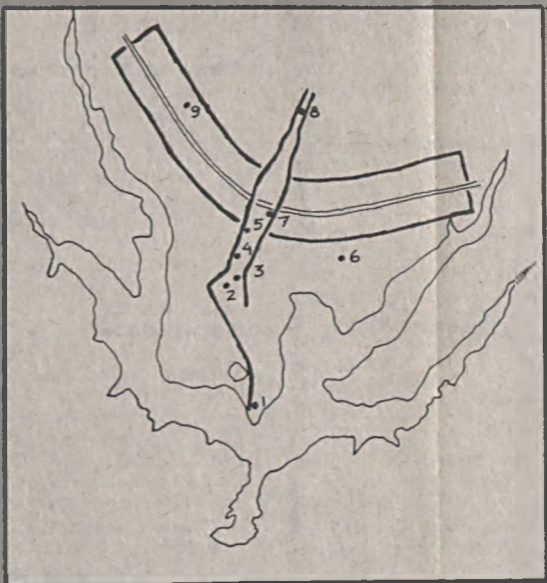
Os artistas ao ar livre

Alguns trabalhos destes artistas no espaço público de Brasília

- Alfredo Ceschiatti
 - "Banhistas"
 - Bronze — Palácio da Alvorada
 - "Apóstolos"
 - Bronze — Catedral de Brasília
 - "Anjos"
 - Bronze — Catedral de Brasília
 - "A Justiça"
 - Granito — Praça dos 3 Poderes

- Athos Bulcão
 - Painel externo do Teatro Nacional
 - Painel de azulejos na Capela Nª Srª de Fátima
 - Painel de azulejos no Anexo do Itamaraty
 - Painel de madeira no Palácio do Itamaraty
 - Painel de madeira no Panteão da Liberdade

- Bruno Giorgi
 - "Metéoro"
 - Mármore — Palácio do Itamaraty
 - "Candangos"
 - Bronze — Praça dos 3 Poderes
 - "Monumento à Cultura"
 - Bronze — UnB



- João Câmara
 - Painel no Panteão da Liberdade

- Marianne Peretti
 - Vitral no Memorial JK
 - Vitral na Catedral de Brasília
 - Vitral no Panteão da Liberdade
 - "Pássaro"
 - Bronze — Teatro Nacional

Em compensação, após passar por estas peças — estranhas, mas talvez obrigatórias pelo caráter da exposição, comprometida em mostrar os trabalhos dos artistas que estão nos monumentos da cidade — o visitante recebe um jorro de vida e cor emanado das telas instigantes e brincalhonas de Athos Bulcão, que representam sua pintura recente (1989/1990). São agradáveis combinações cromáticas em formas abstratas, sob a interferência de pontos e azeizinhos coloridos, espécie de confetes sobre a irreverência e exuberância do que é brasileiro. Os trabalhos de Athos, que variam entre mil e 3 mil dólares, além das sete telas, incluem seis máscaras. Não está, entretanto, à venda, a máscara "O Fauno", da coleção de Lontra, que faz, na exposição, um contraponto brincalhão com a "Sant'Anna" de Ceschiatti, exposta na mesma sala.

□ **BRASÍLIA, 30 ANOS — Exposição com Alfredo Ceschiatti, Athos Bulcão, Bruno Giorgi, João Câmara, Marianne Peretti e Oscar Niemeyer. Desenhos, gravuras, pinturas, esculturas e máscaras desses nomes que estão presentes nos monumentos da Capital. Curadoria de Marcus Lontra. Até dia 25 de maio, entre 10 e 21h00, na Performance Galeria de Arte SCLS 116 — Fone: 245-1608.**



Degelo pragmático

Vem aí uma das maiores frustrações do ano. Na sexta-feira, quando o ParkShopping inaugurar mais uma de suas ampliações, o público — especialmente os aficionados pelo gelo — vai descobrir que toda a espera foi em vão. Na nova Divertilândia não haverá mais a pista de patinação no gelo. A direção do Shopping informa que não haveria espaço para instalar a pista. Os patinadores, que passaram meses entre tombos e aulas, terão agora que se contentar com um passeio na floresta de neons e de brinquedos eletrônicos do novo espaço de diversão do shopping. E, para que os que mantêm alguma esperança, um lembrete: não consta nos planos do ParkShopping a instalação da pista em outro local, já que as futuras ampliações serão feitas no subsolo — espaço inadequado para a instalação do equipamento. (William França)

Sheila, nas bocas



A jornalista e atriz, Sheila Aragão, é sem sombra de dúvida responsável por um dos poucos bons momentos de Boca de Ouro, remake que Walter Avancini realizou do clássico de Nelson Pereira dos Santos, inspirado em obra homônima de Nelson Rodrigues. Ela interpreta uma

prostituta gorda, mãe do Boca de Ouro, interpretado por Tarcísio Meira. O ator se apresenta velho demais para o papel (Nelson Pereira escalaria Marcos Palmeira, caso realizasse o remake), canastrão e com dentes de ouro que atrapalham sua dicção. A sequência de Sheila Aragão abre o filme, em tons sépia. Ela pare seu bebê num banheiro imundo de gafeira e o lava numa pia, também imunda. Esta é uma das razões do trauma do personagem, que, a partir daí, só pensa em ouro e sexo. Mandá arrancar os dentes e substituí-los por dentadura de ouro maciço e prepara um caixão, também de ouro, para seu enterro. O filme não convence. Tarcísio está péssimo. O elenco de apoio não tem brilho. Luma de Oliveira, Cláudia Raia não fazem feio. Só Ricardo Petraglia injeta algum brilho em seu personagem: o fraco e paupérrimo marido de Celeste (Luma). Apesar de seus altos e baixos, o filme vem dando ibope. Na última segunda-feira, havia número significativo de espectadores no Park 4. E o filme está em cartaz também no Bristol e Paranoá. (MRC)

Fica, Guadalupe

A cantora Guadalupe está sem contrato e sem gravadora. Desiludida com o mercado fonográfico brasileiro, está de malas prontas para a Itália. Vai tentar por lá, com o repertório de seu último disco, o que a Continental não fez por ela por aqui. Guadalupe deixa a gravadora da mesma forma pela qual entrou, sem maiores explicações. Sua saída da Continental aconteceu porque ela não fez da lambada seu trunfo musical, preferindo gravar um repertório mais trabalhado. Entrou por um convite escrito, saiu da mesma forma. Parece que na Continental o tratamento dado aos artistas é o mesmo dado aos faxineiros.

Máscara Negra

O filho pródigo da família Jackson não consegue mesmo deixar os noticiários americanos. Recentemente Michael foi convidado para uma recepção pelo Museu da Criança de Washington, a festa era para conceder a Michael Jackson o título de Artista da Década. Para o reconhecimento de tal grandeza o cantor teve como anfitrião ninguém menos que o presidente George Bush. Michael Jackson lança seu novo disco ainda no primeiro semestre de 90.

Homens Fracassam

As mulheres norte-americanas olham cada vez menos doces para seus maridos: acham que eles estão "egoístas, manipuladores, obcecados pelo sexo, mesquinhos". Este é o resultado de uma pesquisa nacional realizada pela empresa especializada Roper durante o verão passado. Os resultados publicados em Nova Iorque demonstram que apenas 50% das mulheres acreditam que a maioria dos homens é formada por seres essencialmente gentis, doces e atentos. Essa porcentagem representa uma violenta baixa em relação a uma pesquisa semelhante feita em 1970. Os homens são seres devassos para 54% das mulheres, aumento de 12% em relação a 1970, a maioria olha uma mulher pensando em como ela é na cama. Quanto às tarefas domésticas, as mulheres norte-americanas que entretanto têm a reputação de mandar em seus maridos nesse domínio — denunciam que são elas que mais trocam fraldas e lavam panelas. 52% estão insatisfeitas nesse particular e 42% classificam seus maridos de fundamentalmente egoístas e egocêntricos.